



O CORDEL A CAMINHO DA SALA DE AULA POR MEIO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Maria Helena Negromonte

UPE – Universidade de Pernambuco

[*helenanegmnt@gmail.com*](mailto:helenanegmnt@gmail.com)

Introdução

A literatura de cordel é um tipo de poema popular, típico do nordeste brasileiro; narrativa escrita em forma rimada, com estrutura peculiar e tem como elementos essenciais a métrica, as rimas, o ritmo e a oralidade. De linguagem popular e temas diversos, está vinculada à realidade e às práticas sociais englobando cultura material e imaterial da natureza humana. São vendidos em folhetos, ilustrados pela técnica da xilogravura, pendurados em cordas e geralmente são vendidos nos mercados e nas feiras do nordeste do Brasil. Este gênero textual na sala de aula propicia um trabalho inovador assim como proporciona a compreensão e reconhecimento da função social do cordel, bem como suas características através de práticas, resgatando esta literatura na perspectiva de transformá-la em veículo de comunicação em massa.

Metodologia

O contato com o gênero textual cordel foi realizado na turma do 9º ano da escola municipal Belarmino Bezerra Negromonte, zona rural de João Alfredo, interior Pernambucano. É valioso contemplar a literatura de cordel como patrimônio cultural, o seu valor pedagógico para o trabalho em classe no que refere-se à linguagem, ao discurso e aos princípios sociais enunciados, uma vez que, da mesma forma, o gênero em questão está muito próximo aos discentes, ao cotidiano dos mesmos. Para a execução da sequência didática; leitura, escuta, escrita, oralidade, produção e análise contribuíram para que a atividade ocasionasse novos caminhos e perspectivas para a idealização social do conhecimento do discente.

Análise e Resultados

Para iniciar o longo caminho do cordel à sala de aula foi necessário a apresentação do gênero textual à turma. Para isto, foi exposto um cordel impresso de um dos grandes nomes do gênero em questão, Rodolfo Coelho Cavalcante com “A moça que bateu na mãe e virou cachorra”. Analisou-se



então a narrativa e quais as características foram percebidas (linguagem, rimas, estilos das estrofes, metáforas, cultura regional, etc.). Com as observações feitas e debatidas pelos próprios alunos, é possível que qualquer um deles seja capaz de produzir um cordel, mesmo que não respeite todas as peculiaridades do gênero em questão. Foi realizada então a primeira produção, que servirá de observação das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Continuando a caminhada é necessário haver paradas; paradas essas a qual chamaremos de módulos e que servirão para “alimentar” / abranger o conhecimento dos alunos. Percebidas as dificuldades com o gênero literatura de cordel, percebeu-se uma necessária apresentação formal deste gênero e de suas respectivas características. Para isso, foram explicadas perguntas como: O que é literatura de cordel? Quais as principais características do cordel? O que é uma estrofe? E um verso? Quais os temas usados nos cordéis? E outras perguntas mais. E em auxílio, foi reapresentado a eles o cordel “A moça que bateu na mãe e virou cachorra” de Rodolfo Coelho Cavalcante. Foi realizada uma leitura cuidadosa deste texto e o mesmo foi debatido e analisado de com as explicações feitas anteriormente. E para cada módulo, há uma realização de uma atividade para exercitar o que foi aprendido naquela “parada”. Foi entregue aos alunos o cordel “Finalmente, a praça é nossa”, de Raimundo Santa Helena, para análise das questões semelhantes às respondidas com o cordel anterior. Desta maneira, envolveu-se atividades com o conhecimento de texto, linguístico e enciclopédico dos alunos.

Para nutrir a bagagem de conhecimento dos alunos, parou-se por muitas vezes e a cada vez, uma nova atividade para professar o que foi estudado era realizada. A segunda, por sua vez, tratou da literatura social e regionalista, ou seja, as temáticas que os cordéis abordavam.

Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem aos conhecimentos de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares, em parte como ainda hoje sucede. (DIÉGUES JR, 1977, p. 21).

O cordelista cria histórias fantásticas ou reais (até mesmo fatos cotidianos e políticos) ou reelabora histórias que ouviu ou testemunhou, acrescentando sua própria contribuição: seu jeito de contar, suas experiências e sua cultura. Para a atividade, foram utilizados fragmentos de obras literárias na qual foram observados o tema abordado em cada fragmento, se é uma história sobre um assunto do cotidiano, as expressões populares, a região, o costume e tradições. Para o módulo 3, foram trabalhadas as rimas: toantes e soantes (mas faz parte da tradição cordelista o uso de rimas consoantes - com finais iguais), ricas e pobres, emparelhadas, cruzadas, opostas, continuadas e cruzadas. Efetuou-



se a explicação de cada uma delas e amostra de exemplos. A proposta aos discentes foi resgatarem o tema da primeira produção e recriarem as estrofes, desta vez, com rimas opostas e continuadas. Para as rimas emparelhadas, cruzadas e misturadas, eles deveriam criar novas estrofes com temas: educativo, homenagem a um grande nome ou festa popular e romance.

Para o módulo 4, trabalhou-se a poética do cordel, já que muitos dos alunos apresentaram dúvidas sobre a quantidade de versos que seria composta uma estrofe. Necessário apresentar a variedade de versos, os tipos de estrofes de um cordel, como quadra, sextilha, setilha, oito pés de quadrão, décima, etc. Assim como o módulo 3, realizou-se uma explicação e mostras de exemplos e para a prática, os alunos assistiram ao grandioso filme baseado em cordéis, “O auto da Compadecida”, escrito pelo famoso dramaturgo Ariano Suassuna. O filme trata de vários aspectos da cultura nordestina. Após assistirem, foi proposto aos alunos, em dupla e por meio de sorteio, criarem duas estrofes de cordéis sobre as partes do filme. Como por exemplo: Testamento da cachorra – duas quadras; as mentiras de Chicó – duas setilhas; João Grilo invoca Nossa Senhora – duas oitavas; e assim por diante.

Apesar de muitos cordéis não obedecerem à métrica, serem heterometrificados, é de extrema importância o uso da métrica nos mesmos pois ela serve para a contagem silábica de um verso e este ponto foi trabalhado no módulo 5. Para isso, foi explicado que o gênero textual em questão é constituído por estrofes com versos elaborados em sílabas poéticas e foi elucidado como ocorre a separação silábica, a métrica do cordel. Foi mostrado um fragmento do cordel “O prêmio da Inocência” de Expedito Sebastião da Silva que após lido, foi executada a contagem da métrica, de acordo com o número de sílabas dos versos (sete = heptassílaba, oito, dez = decassílaba, etc.) Para a atividade prática, foram distribuídos aos alunos vários fragmentos de múltiplos cordéis para serem feitas as contagens silábicas dos versos. Após a contagem de um, houve trocas de textos entre os alunos, favorecendo assim à ele a habilidade da contagem e capacidade de produzir um cordel metrificado; da mesma maneira que eles puderam identificar nos fragmentos, já assuntos já trabalhados.

Para o módulo/ponto seis, foi apontado uma figura de linguagem muito usada pelos cordelistas: a metáfora. Esta que se trata de palavra ou uma expressão em um sentido que não é muito comum; consiste em retirar uma palavra de seu contexto convencional (denotativo) e transportá-la para um novo campo de significação (conotativa). Logo, foram mostrados aos alunos simples exemplos de metáforas, assim como também foi mostrado um cordel de Moacir da Conceição Silva, PEQUENA METÁFORA. Um cordel composto por quatro quadras, apesar de não seguir a tradição



das rimas consoantes, e sim, toantes, mas que ajudou num maior entendimento sobre as metáforas. Segue o trecho :

*[...]Mas sou doce como mel
Às vezes azedo como limão
Dou murro em ponta de faca
E tenho um grande coração.*

Para a executar o que foi aprendido, foi entregue a cada aluno vários trechos de cordéis para ele identificar as metáforas. Em seguida, pedido para ele criar um pequeno cordel usando uma temática social regionalista com apenas uma setilha, se possível, usando métrica e uso de metáforas. E para “completar a viagem”, uma parada essencial: A leitura de Cordel.

Um cordel não é lido de qualquer maneira; a recitação de seus versos requer uma forma melodiosa, rítmica e completamente expressiva. São declamações empolgadas. Para os alunos perceberem como um cordel é recitado, houve a exposição do início do filme Morte e Vida Severina onde o personagem principal, Severino, recita pelos caminhos do seu Sertão, o prólogo do cordel da obra literária. Após, foi entregue aos alunos uma ficha com os tons que eles podem usar para deixar a recitação do cordel mais atraente, como o tom dramático, alegre, misterioso, preocupado, dentre mais tons. E com isto, cada aluno pôde escolher um dos vários cordéis trabalhados e conforme os seus desejos e irá recitar em voz alta para a turma, isso com a forma rítmica e expressiva que a recitação do gênero textual exige, escolhendo o tom mais apropriado para tema do seu cordel escolhido.

Finalmente, a viagem do cordel está chegando ao seu destino. Para saber se as dúvidas que os alunos apresentaram na primeira produção do gênero literatura de cordel foram excluídas e se eles, agora, possuíam habilidade para produzir o gênero textual em questão, foi proposto a eles formarem grupos de três pessoas e produzirem um novo texto que se enquadre nas características cordelistas, obedecendo todas as peculiaridades que ele possui e que foram estudadas. Semelhantemente, foi pedido aos grupos utilizar, também, as características de impressão tradicional de um cordel (folha sulfite dobrada ao meio e capa com sulfite colorido) e ilustração que se assemelhe à técnica da xilogravura (visto no módulo 1). Para o dia da entrega do trabalho, houve a culminação a qual a sala de aula estava com vários cordéis dependurados em barbantes e aconteceu um recital dos cordéis produzidos para a própria turma, onde cada integrante do grupo ficou com uma parte do seu cordel



para recitar. Foram avaliados a leitura do cordel, se o tom escolhido foi o mais apropriado; as características da impressão e da técnica semelhante à xilogravura; a escolha da temática social e regionalista; a organização das informações culturais e da estrutura narrativa poética; o uso das rimas, das estrofes, das metáforas e se obedeceram a métrica.

No cordel, portanto, o formal e o informal, o individual e o coletivo, a voz e a letra, a criação e a tradição não constituem dois lados da mesma moeda, mas a substância fundida – e muito bem fundida – de que é constituída a moeda. (PALHANO, Paiva. 1998, p.23)

Este recital como forma de culminância sobre o gênero textual literatura de cordel possuiu valor poético, literário, cultural e inclusive, linguístico.

Considerações Finais

De acordo com o pensamento adquirido, a aplicação da literatura de cordel no círculo escolar ocasionou a oportunidade de interação, exploração e comunicação com os alunos de ideias e conteúdos de uma maneira expansiva e participativa. Ao mesmo tempo, houve a inserção da heterogeneidade textual e temática no contexto educacional além da contribuição para a ampliação da visão de mundo e de reflexão. O cordel é um respeitável mecanismo para o aprendizado em consequência de sua linguagem típica e de suas vozes de cunho social presentes que equivalem a uma parcela da cultura brasileira. Contudo, levou-se os alunos a perceber o quanto a literatura popular é valiosa tanto para a sua formação quanto como indivíduo que estima e conhece melhor a sua cultura.

Referências

DIÉGUES JR, Manuel. **Literatura de cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.

DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michèle. SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Roxane Roxo e Glaís Sales (tradução e organização). Campinas – SP: Mercado de letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio ... [et al.]. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka e Karim Siebeneicher Brito (organização). 4ª ed. São Paulo: parábola Editorial, 2011.



PALHANO, João Maria de Paiva. **Formação de palavras e estilo: inventividade na Literatura Popular impressa**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1998. (Dissertação de Mestrado em Letras).